

Estudos Literários & Comparados

**O TRÁGICO E A VELHICE:
UMA REFLEXÃO SOBRE A FINITUDE HUMANA
EM A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS**

*Teresinha Vânia Zimbrão da Silva**

*Taynara Ribeiro Pessoa***

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre a velhice-morte a partir de estudos que discutem o conceito do trágico. Recorrendo à filosofia do trágico, aponta para as diferenças entre o gênero tragédia e o conceito filosófico, além de defender que os limites do trágico ultrapassam o espaço da tragédia, propondo então o rastreamento da persistência do trágico na contemporaneidade. Realiza ainda uma análise da temática da velhice-morte no romance *a máquina de fazer espanhóis*, do autor português Valter Hugo Mãe, com o objetivo de rastrear, na narração do protagonista da história, a compreensão trágica da finitude da vida e as reverberações desse sentimento na velhice.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura contemporânea; Trágico; Velhice-morte.

Introdução

Nesse trabalho recorreremos aos estudos da filosofia do trágico para propormos uma reflexão sobre a temática da velhice-morte no romance *a máquina de fazer espanhóis*, do autor português Valter Hugo Mãe. Na primeira parte, apontamos para as diferenças entre o gênero tragédia e o conceito filosófico, e nos alinhamos na defesa de que os limites do trágico ultrapassam o espaço da tragédia, o que justifica então o rastreamento da persistência do trágico na contemporaneidade, sobretudo no que diz respeito ao tema angustiante da finitude da vida. Na segunda parte, analisamos a temática da velhice-morte no romance do autor português, rastreando, na narração do protagonista da história, um idoso de mais de 80 anos, o sentimento trágico da finitude da vida e as reverberações dessa sua angústia diante da própria velhice e morte.

* Doutora em Literatura pela University of Newcastle Upon Tyne (Inglaterra). Professora Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

** Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

O trágico e a tragédia

Principiemos por notar que as análises sobre o trágico, produzidas no campo dos estudos literários, são em sua maioria restritas à poética da tragédia e vinculam-se, sobretudo, à estrutura do gênero dramático inaugurado pelos gregos. Nessa perspectiva, a compreensão da tragédia ao longo dos tempos aparece, quase sempre, atrelada à definição aristotélica apresentada na obra *Arte poética*, na qual Aristóteles define o gênero trágico como: “imitação de acontecimentos que suscitam o terror e a piedade, tendo por efeito a purificação dessas emoções” (ARISTÓTELES, 2005. p. 33). Ademais, ainda nessa obra, o filósofo estabelece uma normatização para construção do gênero que elenca seis elementos de fundo e forma sendo eles: a fábula, o caráter, as ideias, as falas, o espetáculo e o conto; no qual, o primeiro desses ainda se divide em três elementos, que são: a peripécia, o reconhecimento e o patético. Nesse sentido, observamos que as interpretações sobre o trágico assumem como ponto de partida o classicismo helênico, tanto para compreensão de obras do período, quanto para análises comparadas de obras posteriores.

Partindo dessa reflexão, fica claro que boa parte dos estudos sobre o trágico estão moldados à teoria normativa prescrita por Aristóteles sobre a tragédia, mas não sobre o trágico, uma vez que a definição proposta pelo filósofo está restrita às regras e prescrições para criação da tragédia, assim como argumenta Goldhill:

A Poética de Aristóteles, em suma, é uma teoria das tragédias, não uma teoria do trágico. Ele se move de maneira aristotélica típica, de exemplos para um modelo geral e coloca o modelo geral em uma estrutura teleológica e hierárquica, como Aristóteles faz em outros lugares com partes de animais ou constituições de cidades-estados. (GOLDHILL, 2004, p. 49)

Ainda nessa perspectiva, Peter Szondi, em seu livro *Ensaio sobre o trágico* (2004), afirma que Aristóteles fundou uma tradição poética que se estendeu até o final do século XVIII, quando é possível dizer que uma nova perspectiva sobre o tema ganhou força: a filosofia do trágico. De acordo com Szondi (2004), o conceito de trágico deixa de assumir características apenas poéticas, para delimitar uma visão de mundo que relaciona o homem com o seu entorno.

Entretanto, é necessário dizer que os novos contornos delimitados para o conceito não excluem a reflexão do trágico associado ao classicismo helênico, tanto que, para o filósofo Paul Ricoeur (2015) a visão trágica da existência está ancorada na tragédia grega, isso porque a compreensão do trágico estaria na repetição da experiência trágica clássica, uma vez que ali reside o aparecimento autêntico desse gênero e a essência de seu fenômeno. Compartilhamos dessa reflexão do autor, por acreditar que o exemplo grego nos revela o âmbito teológico do

trágico, ou seja, uma visão trágica do divino, pois é na tragédia que o homem cego tem seu destino determinado pelos deuses, ficando a mercê da vontade divina.

Além disso, se analisarmos a ação humana do ponto de vista do numinoso, conceito difundido por Rudolf Otto (2007), é possível dizer que viver é o risco de ser surpreendido pelo imponderável, pela própria falta de sentido que há na vida. A ação humana, nesse sentido, pode ser compreendida como uma espécie de desafio ao futuro. Para tanto, fica claro que a experiência trágica representa em si, mais do que isso, porque é também um desafio aos deuses e ao destino. Assim, a perspectiva da tragédia delibera o duplo caráter do agir ao herói, isto é, ela o coloca diante do desconhecido, do incompreensível no mundo, fazendo com que ele se aventure em um campo de forças sobrenaturais que atuam arbitrariamente, às vezes a favor do herói, às vezes contra, agindo para seu infortúnio e fracasso.

Diante dessas reflexões, compreendemos que é possível ir além da definição aristotélica se analisarmos o trágico como um fenômeno, ou seja, uma visão de mundo que se materializa no sujeito e na sociedade, e que não ocorre somente na tragédia. Portanto, os limites do trágico podem ser ampliados se recorrermos à filosofia do trágico, ou seja, às categorias mais amplas sobre a arte e a existência que a definição do gênero tragédia, elencada pelo mundo clássico, não abarcou diretamente. Essa percepção pode ser atrelada à definição descrita por Gadamer em seu livro *Verdade e método*:

O trágico é um fenômeno fundamental, uma figura de sentido que não ocorre somente na tragédia, na obra de arte trágica no sentido estrito da palavra, mas pode ter seu lugar também noutros gêneros de arte, principalmente nas obras épicas. Na verdade, nem se trata de um fenômeno especificamente artístico, uma vez que se encontra também na vida [...] O ser estético havia se tornado visível para nós como jogo e representação. Assim podemos interrogar também a teoria do jogo trágico, que é a poética da tragédia, sobre a essência do trágico [...] O que vale assim para o trágico pode ser aplicado também para um âmbito bem mais amplo. (GADAMER, 2002, p. 186-187)

É por meio dessa compreensão que pretendemos dividir em duas vias a visão do trágico, a primeira delas restrita ao espaço da tragédia, em específico do classicismo helênico, e a segunda a uma reflexão do campo filosófico, em específico o existencialismo. É válido ressaltar que mesmo dentro do campo filosófico há um interesse estético pelo conceito, entretanto, ele ultrapassa os limites do gênero literário e da criação artística na tentativa de absorver as dualidades e contradições das quais o sujeito emerge, principalmente ao se deparar com a sua finitude na velhice-morte, tema do presente trabalho.

Ampliando ainda as diferenças entre os conceitos de tragédia e trágico, é possível afirmar que o trágico não consiste exatamente em um gênero literário, como a tragédia, mas sim como uma postura diante do mundo, que pode se materializar por meio da melancolia, do desespero, ou mesmo, do engajamento frente às adversidades. O trágico exprime a

complexidade do sujeito, o paradoxo entre natureza e espírito e a ruptura irreconciliável que ocorre entre a transcendência e a finitude humana, que lembra ao homem as limitações da sua existência.

Nesse sentido, o crítico Terry Eagleton (2013) afirma que o trágico conserva em si a condição humana, pois revela a dor e a aflição a que todos nós estamos submetidos diante da certeza da própria morte. A tese do autor nos recorda que o sofrimento é uma experiência essencialmente humana e, por esse motivo, mesmo que a tragédia nos moldes clássicos tenha pouca fertilidade na contemporaneidade, o trágico, por outro lado não deixou de ser pertinente, assim, para Eagleton: “poderíamos argumentar que a filosofia aqui é uma continuação da tragédia por outros meios” (EAGLETON, 2013, p. 45).

Posto isso, é necessário dizer que em sua obra *Doce Violência: A ideia do trágico* (2013), Eagleton afirma que a arte da tragédia está em desuso. O crítico tece essa afirmação partindo do pressuposto de que a contemporaneidade é avessa a algumas características inerentes ao gênero:

Nos tempos atuais, a arte da tragédia é assunto fora de moda, o que nos dá motivo para escrevermos sobre ela. O termo sugere guerreiros viris e virgens imoladas, fatalidade cósmica e aquiescência estoica. Há uma profundidade ontológica e um alto rigor nesse gênero que tanto exaspera a sensibilidade pós-moderna com sua insuportável leveza do ser. Como uma aristocrata entre as formas de arte, seu tom é solene e portentoso demais para uma cultura cética, mais popular. Na verdade, o termo passa ao largo do léxico pós-moderno. Para certas feministas, a arte trágica é por demais enamorada do sacrifício, dos falsos heroísmos e de uma nobreza de espírito assaz chauvinista, uma espécie de versão erudita de histórias para garotos. Para a esquerda em geral, ela guarda uma desagradável aura de deuses, mitos e ritos de sangue, culpa metafísica e destino inexorável. (EAGLETON, 2013, p.11)

Como é possível notar, o crítico faz maior menção ao gênero tragédia do que ao conceito filosófico do trágico. Porém, suas considerações sobre a dissonância entre o peso da tragédia e a leveza em tempos ditos pós-modernos são importantes para o nosso trabalho de tentar rastrear o trágico na literatura contemporânea, já que a profundidade ontológica a que ele se refere encontra-se presente tanto no gênero, quanto no conceito. De fato, explicitar a presença de um sujeito trágico, ou mesmo de um personagem que narra uma visão de mundo trágica, conferindo assim peso significativo ao texto literário, foge ao esperado pelo contexto pós-moderno, que se revela antes em sua leveza do ser e ausência de abordagens existenciais.

Nesse sentido, refletindo sobre os diferentes períodos da presença do gênero trágico, Gumbrecht (2001) afirma que existem períodos tragicofílicos e tragicofóbicos. O período clássico seria tragicofílico: não há saída possível para o sujeito que experimenta o conflito trágico. Como sugere o autor, é um período em que há um enorme “potencial para o conflito ‘paradoxogênico’” (GUMBRECHT, 2001, p. 12). Para Gumbrecht, diferente do período

grego, as sociedades contemporâneas poderiam ser consideradas tragicofóbicas, pois fornecem instrumentos poderosos para desparadoxificação, ou seja, elas possuem instrumentos suficientes para que todo potencial trágico seja desfeito, uma vez que os recursos a que temos acesso, como a ciência e a tecnologia, tornam tudo negociável e possível.

O paradoxo exigido às narrativas trágicas contemporâneas parece se restringir a uma única limitação insuperável: a morte. Dessa forma, é possível dizer que rastrear a presença do trágico no romance que selecionamos, *a máquina de fazer espanhóis* de Valter Hugo Mãe, se faz pertinente, não apenas porque o trágico é um recorte que ultrapassa o gênero tragédia, mas também porque a velhice-morte é a grande angústia do personagem principal da narrativa.

A velhice-morte e o romance de Walter Hugo Mãe

O romance *a máquina de fazer espanhóis*, do autor português Valter Hugo Mãe, publicado pela primeira vez no Brasil em 2011, tem como narrador-protagonista António Jorge da Silva, um idoso de 84 anos, que, após inúmeras perdas, como da esposa Laura, da liberdade, e da lucidez, vai parar em um asilo por imposição de sua família e encontra na memória a única forma de compensar a solidão e dar sentido à vida, juntamente com seus colegas. No entanto, essa retomada não ocorre de maneira tranquila, pois António coloca-se diante da realidade de maneira angustiante, apresentando, em muitos momentos, um tom de revolta diante das circunstâncias impostas pela sua realidade, como é perceptível no trecho:

estamos nisto para morrer, não tenha dúvidas, e não há milagre que para aqui mande anjos ou santos a ressuscitar ninguém. quem já foi, já foi, e não volta. que eu aqui é que bem vejo. sem piedade pelos justos ou bondosos, ficam branquinhos igual aos maus ou sovinas e cabem nos mesmos caixões e, sabe o que é incrível levam dos padres as mesmas encomendas nos sermões. tudo à medida, para provar que vamos todos para pó e somos uma valentia exatamente igual e mais nada.. (MÃE, 2016, p. 30)

É possível colocar em diálogo a temática da finitude exposta na citação com a afirmação de Szondi (2004) de que a matriz de todos os eventos trágicos, e aí ele retoma o pensamento de Wolfgang von Goethe, parece residir na despedida, o que incorpora às vivências do cotidiano possibilidades trágicas. Nesse sentido, a tragicidade da perda e a despedida configurariam o cerne da contradição humana, uma vez que nos tornamos conscientes da transitoriedade da vida e da transformação de todas as coisas. A essa reflexão, Szondi acrescenta: “só é trágico o declínio de algo que não pode declinar, algo cujo desaparecimento deixa uma ferida incurável” (SZONDI, 2004, p. 85). Sendo assim, a morte de Laura, esposa do senhor Silva, abre essa ferida, fazendo-o entrar em contato com uma dor existencial profunda, diante

da qual o comportamento do personagem assumirá ênfases variadas, como é possível compreender no trecho:

com a morte, também o amor devia acabar. acto contínuo, o nosso coração devia esvaziar-se de qualquer sentimento que até ali nutrira pela pessoa que deixou de existir. pensamos, existe ainda, está dentro de nós, ilusão que criamos para que se torne todavia mais humilhante a perda e para que nos abata de uma vez por todas com piedade. e não é compreensível que assim aconteça. com a morte, tudo o que respeita a quem morreu devia ser erradicado, para que aos vivos o fardo não se torne desumano. esse é o limite, a desumanidade de se perder quem não se pode perder.. (MÃE, 2016, p. 35-36)

Por conseguinte, para além da presença do luto, compreendemos que o trágico é um grito de dor, que permite o extravasamento do sentimento, e não sua negação, uma vez que o infortúnio ao qual o sujeito é submetido é tão absurdo que não permite que ele seja vivido por meio da razão. Para tanto, relacionamos essa perspectiva com a reflexão que Steiner (2006) propõe sobre o trágico, pois segundo o autor o sentimento trágico é marcado pela incompreensão absoluta da experiência, já que só acessamos o processo de maneira lacunar, por não termos consciência total da ordem do universo. Ademais, para Steiner (2006), a existência do trágico só é possível na ausência da justiça, da compreensão e do apaziguamento, isso porque se lançarmos luz sobre a razão a tragédia se dissipa, como reitera o autor: “Os poetas trágicos gregos afirmam que as forças que modelam ou destroem nossas vidas estão fora do controle da razão e da justiça” (STEINER, 2006, p. 3).

Sendo assim, a reflexão de Steiner nos ajuda a compreender a presença do trágico no romance de Mãe, uma vez que o senhor Silva é interpelado por forças que não podem ser superadas, nem interrompidas pela racionalidade, como a velhice e a morte, sendo essa uma das condições que o concebe características de um personagem trágico, pois caso as causas do seu desastre fossem sociais teríamos um drama sério, mas não trágico, como delimita Steiner: “[...] O drama trágico nos diz que as esferas da razão, ordem, e justiça são terrivelmente limitadas e que nenhum progresso de nossa ciência ou de nossos recursos técnicos ampliará sua relevância” (STEINER, 2006, p. 4).

Diante disso, é que Eduardo Sterzi problematiza “[...] a liberdade integral inexistente no universo da tragédia: todo o percurso do herói, desde o seu nascimento, é assombrado pelo presságio fatal de um triste desenlace” (STERZI, 2004, p. 105). No romance em específico, a finitude humana estabelece os limites dessa liberdade, pois diante da morte somos seres indefesos e sem controle, como narrado por Silva: “seria decente que cada um de nós tivesse um dispositivo de expiração instantânea que nos pudesse anular para sempre da existência sem retorno nem remorso” (MÃE, 2016, p. 52).

Retomando a compreensão do narrador trágico, conforme delimitamos, em *a máquina de fazer espanhóis* é notória a incapacidade do senhor Silva de elaborar plenamente a morte da mulher e a perda progressiva de sua lucidez, pois ele não encontra uma explicação apaziguadora para os desfechos da vida, ou seja, nota-se que o personagem assume uma postura incapaz de manter-se racional diante das vicissitudes da existência. Desse modo, o tom fatalista marca a maior parte da narrativa e caracteriza a voz do narrador, como é possível perceber no trecho:

mais tarde tranquei-me no meu quarto, encarei a mariazinha a estragar-se e chorei. a vida não era nada do que devia ser. não respeitava a minha dor e qualquer coisa que se passara naquele dia só me devia mostrar que não podia, não devia, ser conquistado pelo devaneio de festa alguma. a mariazinha, obviamente, não intercederia por mim nem me responderia, coitada, não podia sequer desviar os olhos para onde eu me estendia na cama. eu devolvi-lhe uma das pombinhas. depositei-a como morta sobre a mesa de cabeceira. não significava nada, apenas que não era mais divertido. que a morte não era divertida e que estávamos todos a morrer, disso é que precisava de me lembrar. (MÃE, 2016, p. 89)

Ademais, notamos que as digressões estabelecidas no texto, por meio da narração de memórias, fazem com que se produza uma narrativa tensionada do ponto de vista da cronologia dos fatos, da imaginação e da realidade, por vezes é difícil compreender se o personagem narra um sonho, um pensamento ou um fato: “não sei. vejo uns pássaros pretos, abutres, a voarem em cima da minha cabeça. é criação dos seus olhos, aqui não entram nem moscas, as janelas não abrem. eu sei, mas acho que é uma forma de ter medo. julguei que não tivesse medo de nada. mas tenho” (MÃE, 2016, p. 231-232). A narrativa, portanto, apresenta pontos obscuros sobre as ações do personagem e sua compreensão da realidade, entretanto, a prosa poética criada pelo autor também estende as reflexões sobre a vida do personagem a um campo filosófico que ultrapassa os acontecimentos narrados por Silva, contribuindo para uma comoção que abarca a todos os mortais:

o ser humano é só carne e osso e uma tremenda vontade de complicar as coisas. eu aprendi que aqueles crentes se esfolavam uns aos outros de tanto preconceito e estigmatização. e aprendi, no dia que perdemos o nosso primeiro filho, que estávamos sozinhos no mundo. atirados para o fundo de um quarto sem qualquer ajuda. (MÃE, 2016, p. 96)

Ainda sobre as reflexões filosóficas possíveis a partir da obra, é visível como a narrativa aborda o tema da angústia sistematicamente. Nessa perspectiva, o sentimento de desamparo e desabrigo existencial vivenciado por Silva pode ser comparado à situação do homem nos séculos XX e XXI relatada por filósofos existenciais como Kierkegaard (2010) e Heidegger (2012). Sendo assim, diante do aparente absurdo da existência humana, o sujeito vivencia a dicotomia ente a busca por significado da vida ou o desespero nihilista. Pode-se

afirmar que a postura do senhor Silva no romance de Mãe está relacionada ao desespero niilista, como é possível confirmar no trecho: “a vida depois da morte, dizia eu, é uma aberração de sentido. seria obscuro que deus existisse, anísio, uma atrocidade, porque se deus algum dia existiu, e se tiver vergonha na cara, matou-se depois de tanta porcaria que fez” (MÃE, 2016, p.208-209).

Assim, retomando a questão do existencialismo, sabemos que essa corrente filosófica compreende o paradoxo da existência a partir da tragicidade e liberdade, ou seja, não existe o trágico sem a possibilidade de autonomia do sujeito. Para tanto, o sentimento trágico da existência não é apenas obra do acaso, mas a constatação de que somos em alguma medida criadores de nossa própria condição trágico-existencial, que nos expõe ao risco e a incerteza das vicissitudes da vida, uma vez que a cada ação que praticamos lançamos dados ao futuro. Ademais, a essa esfera incorpora-se a implicação entre os conceitos de existência e transcendência que são condições essenciais da liberdade humana, isso porque a ideia de liberdade, em uma abordagem existencial, é a expressão máxima da transcendência humana no mundo, pois ela não determina exatamente a capacidade de praticar isto ou aquilo, mas sim a capacidade de existir em si mesmo, que pode ser refletida a partir do trecho:

sabes que os peixes têm uma memória de segundos, três segundos, assim. e por isso que não ficam loucos dentro daqueles aquários sem espaço, porque a cada três segundos estão como num lugar que nunca viram e podem explorar. devíamos ser assim, a cada três segundos ficávamos impressionados com a mais pequena manifestação de vida, porque a mais ridícula coisa na primeira imagem seria uma explosão fulgurante da percepção de estar vivo. compreendes. a cada três segundos experimentávamos a poderosa sensação de vivermos, sem importância para mais nada, apenas o assombro dessa constatação. (MÃE, 2016, p. 247)

Sendo assim, relacionando a constatação da existência humana e suas infinitas possibilidades com o conceito de angústia difundido por Kierkegaard (2010) e Heidegger (2012), é necessário retomar a definição proposta por ambos os autores para esse sentimento. Soren Kierkegaard problematizou questões filosóficas inerentes à vida em um período, segunda metade do século XIX, em que a filosofia alemã estava impregnada pelo idealismo, correlacionando o campo filosófico com a teologia e a psicologia, na tentativa de solucionar questões acerca da própria existência.

Para tanto, o filósofo existencial, na obra *O conceito de angústia* (2010) relaciona o sentido histórico da angústia ao pecado original e a ausência de consciência do pecado, refletindo assim sobre o sentimento de culpa que acomete o indivíduo como consequência de seus atos. Entretanto, o que nos interessa recuperar da reflexão de Kierkegaard, não é exatamente a perspectiva teológica que ele incorpora à definição da angústia, mas como ele distancia o

conceito das propostas iluministas, nos possibilitando acessar o termo por meio de uma compreensão menos científica.

Sendo assim, o autor empreende uma distinção importante entre medo e angústia, afirmando que o primeiro reflete uma reação a algo determinado, enquanto o último necessita de definição, pois o sentimento faz referência ao desconhecido. Essa reflexão pode ser incorporada ao desfecho do romance de Mãe, quando no leito de morte o senhor Silva é interpelado pelos amigos e funcionários do asilo:

o anísio pergunta, isso não é o amigo silva a acreditar na transcendência. e eu respondo, só acredito nos homens. finalmente, só acredito nos homens, e espero que um dia se arrependam. bastava-me isso, que um dia genuinamente se arrependessem e mudassem de conduta para que fosse possível acreditarem uns nos outros também. mais do que isso, sinto apenas angústia. a enfermeira entrou, aproximou-se de nós, perguntou, o que sente senhor silva. e eu repeti, angústia, sinto angústia. (MÃE, 2016, p. 257)

Correlacionando o sentimento do personagem ao pensamento de Kierkegaard, é possível dizer que Silva não sentia medo diante da morte, mas sim angústia diante do nada e do desconhecido. Ainda avançando sobre a compreensão do conceito, Heidegger apropria-se da reflexão de Kierkegaard, ampliando as definições conceituais do termo e distanciando-se das reflexões teológicas do filósofo. Para o teórico, a angústia seria compreendida como a relação entre o homem e o nada. Em *Ser e tempo* (2012), a angústia é interpretada como uma disposição fundamental e relacionada ao temor que o ser sente diante do indeterminado, o que também vem ao encontro do exposto na narrativa de Mãe, uma vez que na angústia o homem se apavora diante daquilo que não conhece, ou seja, a ameaça não se encontra em parte alguma, mas ao mesmo tempo está diante do sujeito a todo o momento, como afirma o filósofo: “O que oprime não é esse ou aquele utilizável [...], é o mundo ele mesmo. [...] Quando a angústia se aquietou, o discurso cotidiano costuma dizer: ‘não era propriamente nada’” (HEIDEGGER, 2012, p. 523).

Nesse sentido, é que a angústia do Senhor Silva diante da morte e da existência dialoga com o existencialismo. De fato, a filosofia do trágico abarca o desespero humano diante da existência e de seu confronto com o desconhecido, o que comparece também no trecho: “para onde iria, o que seria de mim depois da morte. era uma busca constante por uma transcendência qualquer que me contradissesse. que contradissesse as minhas convicções de que não existe nada para lá do que está diante da vida” (MÃE, 2016, p. 174).

Podemos então concluir que o romance *a máquina de fazer espanhóis*, do escritor português Walter Hugo Mãe, admite ser inserido dentro da reflexão do trágico na contemporaneidade, comprovando a persistência deste em tempos ditos pós-modernos, uma vez que, mesmo diante dos inúmeros artifícios e possibilidades do período, ainda não é possível

solucionar a enorme angústia do ser humano diante dos questionamentos trágicos sobre a existência e a finitude da vida.

Considerações finais

Nesse trabalho, apresentamos uma reflexão sobre a velhice-morte recorrendo a estudos que discutem o conceito do trágico. Esperamos ter demonstrado que os limites do trágico ultrapassam o espaço da tragédia, o que justifica o rastreamento da sua persistência na contemporaneidade, sobretudo no que diz respeito ao sentimento angustiante de finitude da vida. Esperamos ainda ter demonstrado essa persistência de fato do trágico ao longo da nossa análise da temática da velhice-morte no romance, *a máquina de fazer espanhóis*, do autor português Valter Hugo Mãe.

THE TRAGIC AND THE OLD AGE: A REFLECTION ON HUMAN FINITUDE IN A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS

ABSTRACT: This work presents a reflection on old age and death based on studies that discuss the concept of the tragic. Using the philosophy of the tragic, it points to the differences between the genre of tragedy and the philosophical concept, in addition to defending that the limits of the tragic go beyond the space of tragedy, thus proposing the tracking of the persistence of the tragic in contemporaneity. It also carries out an analysis of the theme of old age and death in the novel *a máquina de fazer espanhóis*, by the Portuguese author Valter Hugo Mãe, in order to trace, in the narration of the story's protagonist, the tragic understanding of the finitude of life and the reverberations of this feeling in old age

KEYWORDS: Contemporary literature; Tragic; Old age-death.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Introd. Roberto de Oliveira Brandão. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.
- EAGLETON, Terry. *Doce violência: a ideia do trágico*. São Paulo: Unesp, 2013.
- GADAMER, Hans Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.
- GOLDHILL, Simon. *Reading Greek tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Os lugares da tragédia. In: ROSENFELD, K. H (org.). *Filosofia e literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012.
- KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de angústia*. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MÃE, Valter Hugo. *a máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST; Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2007.

RICOEUR, Paul. *A simbólica do mal*. Trad. Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2015.

STEINER, George. *A morte da tragédia*. Trad. Isa Kopelman. São Paulo: Perspectiva, 2006.

STERZI, Eduardo. Formas residuais do trágico. Alguns apontamentos. In: FINAZZI-AGRÒ, Ettore; VECCHI, Roberto. (orgs.). *Formas e mediações do trágico moderno: uma leitura do Brasil*. São Paulo: Unimarco Editora, p. 103-111, 2004.

SZONDI, Peter. *Ensaio sobre o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

Recebido em: 29/10/2021.

Aprovado em: 01/12/2021.